



**O FENÔMENO URBANO: REFLEXÕES
PARA UMA AÇÃO INTEGRAL DA IGREJA
NAS CIDADES**

**THE URBAN PHENOMENON: REFLECTIONS
FOR AN INTEGRAL ACTION OF THE
CHURCH IN THE CITIES**

Gildásio Jesus Barbosa dos Reis

Discente do Programa de Pós-Graduação de Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

E-mail: gildasioreis@iposasco.org.br

RESUMO

Este artigo propõe-se analisar alguns aspectos da ação integral da Igreja na urbanidade. Partindo de alguns conceitos de teóricos no campo da sociologia e da teologia, discutem-se as características e os problemas do homem urbano, e analisam-se três modelos de ser igreja na sociedade contemporânea. As perguntas centrais que justificam este artigo são: Em que medida o evangelicalismo pode contribuir para melhorar a sociedade contemporânea? Ou, qual pode ser o papel da Igreja numa sociedade diante dos desafios sociais que ela enfrenta? A partir dessa perspectiva, propõe-se um modelo bíblico de ser igreja na cidade, que, em ação, testemunha sua dupla cidadania.

PALAVRAS-CHAVE

Ação integral; Cidade; Igreja; Sociologia; Teologia.

ABSTRACT

In this article, Reis proposes to analyze some aspects in the entire action of the Church in the urban area. Starting from some theoretical concepts in the field of Sociology and Theology, the author discusses the characteristics and problems of the urban man and analyzes the three models of the Church in the contemporary society. The main questions which justify this article are: Up to what point evangelicalism can contribute to turn the contemporary society better? Or, which can be the role of church in

society in relation to the social challenges that it faces? From this perspective, Reis proposes a biblical model of what Church is in the city, actuating witnesses its double citizenship.

KEYWORDS

Integral action; City; Church; Sociology; Theology.

“Procurai a paz da cidade, para a qual fiz que fôsseis levados cativos, e orai por ela ao Senhor; porque na sua paz vós tereis paz.”

(Jeremias 29:7)

1. INTRODUÇÃO

A cidade tem sido objeto de estudo de várias áreas do saber, tais como a sociologia, a antropologia, a história, bem como a teologia. O texto bíblico menciona a cidade inúmeras vezes e não poderia ser diferente, considerando que a cidade é uma realidade “humana”.

Frequentemente, faz-se uma leitura do texto bíblico numa perspectiva rural. Não obstante o povo de Israel ter sido um povo de comunidade rural durante grande parte de sua história, não se pode negar que a Bíblia é um livro também urbano. Nela encontramos referências às cidades de Roma (650 mil habitantes), Alexandria (400 mil habitantes), Éfeso (200 mil habitantes), Antioquia (150 mil habitantes), apenas para citar algumas¹. Muitos dos personagens bíblicos foram pessoas da cidade. Davi, Salomão, Jeremias e Isaías viveram e trabalharam em Jersusalém. O profeta Daniel ocupou um importante cargo na Babilônia. E com Neemias podem-se aprender princípios de organização e planejamento urbanos (HOFFMANN, 2007, p. 56).

¹ Esses dados, fruto de um estudo realizado por Chandler e Fox, que trabalharam para documentar as populações mais antigas, estão citadas na obra do sociólogo Rodney Stark (1996, p. 147-149).

O cristianismo primitivo foi um movimento urbano com o compromisso de enfrentar os desafios de sua época. Não tem sido diferente agora no século XXI. É preciso perceber que a cidade, ainda em nossos dias, se apresenta de maneira desafiadora para a Igreja, conclamando-a a entender a sua realidade. Sem essa compreensão, a Igreja não terá uma ação relevante no ambiente citadino.

Esta reflexão sobre o fenômeno urbano e a ação integral da Igreja na cidade obedecerá ao seguinte percurso: primeiro, tratar-se-á de compreender alguns conceitos sobre a cidade e a urbanização; segundo, algumas características e problemas do homem urbano serão abordados; por fim, apresentar-se-á um modelo bíblico para a ação da igreja na cidade.

2. CONCEITUAÇÕES DE CIDADE, URBANIDADE E URBANIZAÇÃO

Definir cidade não tem sido uma tarefa fácil, considerando suas muitas variações, a depender do país e da época. Nesse sentido, o sociólogo Ely Chinoy (1984, p. 387) afirma:

O tamanho e a densidade da população constituem de ordinário, as marcas distintivas da comunidade urbana. Mas há muita discordância no tocante ao ponto em que se deve ser traçada a linha divisória entre o rural e o urbano.

Barros (2007, p. 163-174), em seu artigo “Cidade e população: reflexos sobre uma relação complexa”, também resalta e aponta a razão dessa dificuldade:

Na Antigüidade Grega, o filósofo Aristóteles já idealizava para uma cidade um efetivo populacional ideal de no máximo cinco mil cidadãos (excluindo as mulheres e escravos que também a habitariam). Trata-se de certo de uma crítica àquilo que lhe parecia ser uma excessiva população urbana para a cidade de Atenas, que no tempo de Péricles havia chegado a possuir 40.000 cidadãos. Roma, alguns séculos depois, atingiria um milhão de habitantes, o que faria da Atenas clássica uma cidade

comparativamente pequena. Mas em compensação, a antiga capital do Império Romano teria a sua população reduzida a menos de cem mil habitantes no período medieval. Este período conhece portanto um rebaixamento no limiar populacional urbano: lugares com dois ou três mil habitantes tenderiam a receber o status de “cidade” conforme estes novos parâmetros. Tudo isto vem nos mostrar simultaneamente a importância e a relatividade do aspecto populacional para uma caracterização da Cidade enquanto tal.

A fim de superar essa dificuldade na conceituação, o sociólogo espanhol Manuel Castells (1983, p. 127) ultrapassa o empirismo de uma descrição apenas geográfica da cidade e chama a atenção para o fato de que não podemos definir a “sociedade urbana” como uma simples constatação de um limites espacial. Segundo ele, a “sociedade urbana”, no sentido antropológico do termo, quer dizer um certo sistema de valores, normas e relações sociais possuindo uma especificidade histórica e uma lógica própria de organização e de transformação.

Esse conceito de Castells está também de acordo com o pensamento do sociólogo alemão Louis Wirth². Em seu conhecido texto “O urbanismo como modo de vida”, escrito em 1938, Wirth (1973, p. 96) reconhece ser uma arbitrariedade a intenção de se definir uma comunidade como sendo urbana fundamentada apenas no tamanho da população ou em sua densidade. Sendo assim, ele propõe que se faça referência a características sociais significativas na conceituação do urbano. Dessa forma, há uma diferença entre a definição sociológica de cidade e seus limites administrativos acolhidos pelo senso urbano.

Dentro dessa perspectiva, a conceituação de cidade fica mais clara quando se analisam os termos urbanismo e urbanização em Wirth. Termos esses que devem ser entendidos de maneira diferente.

A sociedade nos dois últimos séculos passou por uma revolução profunda em termos demográficos. No mundo inteiro, as cidades têm enfrentando uma explosão de crescimen-

² Louis Wirth foi um dos maiores teóricos em estudos sobre a cidade. O artigo em referência foi publicado originalmente em *American Journal of Sociology* (v. 44, p. 1-24, 1938).

to, e, como veremos mais à frente, os resultados desse crescimento tão rápido são evidentes em toda parte. Segundo o Censo 2000 do IBGE, somos quase 170 milhões de habitantes no Brasil. Nossa população é dez vezes maior que a existente no país em 1900. No ano 2000, já tínhamos 81,2% da população brasileira morando em áreas urbanas e 18,8% vivendo em áreas rurais. Ao contrário do que acontecia na década de 1950, quando 63,8% viviam no campo e 36,2% nas cidades (COMBLIM, 1999, p. 8). A esse processo dá-se o nome de *urbanização*.

Para Wirth (1973, p. 95-96), *urbanismo* não deve ser confundido com *urbanização* ou com o espaço físico da cidade, com sua geografia, e, portanto, rigidamente limitado no espaço, mas como um *modo de vida* que se estende para além da cidade. Urbanismo tem a ver com o modo ou a condição de vida das pessoas; tanto que é possível alguém viver na zona rural, mas com um modo de vida da cidade. Ou seja, com uma mentalidade urbana

3. CARACTERÍSTICAS E PROBLEMAS DO HOMEM URBANO

O estudo desse modo de vida da metrópole leva à indagação sobre que tipo de ser humano habita a cidade. Seria possível normatizar um conjunto de características em comum entre as várias pessoas que compõem a população urbana? Pesquisadores como Simmel³, Wirth e Engels têm apresentado estudos discordantes sobre esse tema⁴. De qualquer forma, é possível traçar algumas características fundamentais do homem da cidade.

³ Sociólogo alemão, que pertenceu à Escola de Sociologia Alemã, com Karl Marx e Max Weber. É considerado por muitos autores um dos pais da sociologia moderna.

⁴ O próprio Wirth (1973, p. 97-98) salientou que o efetivo populacional do homem da cidade é necessariamente heterogêneo, o projeto de estabelecer uma caracteriologia demasiado esquemática do homem urbano poderia se chocar, precisamente, com a diversidade humana que a cidade abarca.

3.1. CARACTERÍSTICAS DO HOMEM URBANO

3.1.1. INDIFERENÇA

A indiferença é um traço marcante do homem metropolitano (LINS, 2006, p. 8), e Simmel (1973, p. 20) destaca que o homem da cidade tem um traço fundamental da “indiferença” para com o seu semelhante:

Pois a reserva e indiferença mútuas, as condições espirituais de vida dos círculos maiores, nunca foram sentidas tão fortemente, no que diz respeito ao seu resultado para a independência do indivíduo, do que na densa multidão da cidade grande, porque a estreiteza e proximidade corporal tornam verdadeiramente explícita a distância espiritual.

Vale resaltar que Engels (1985), antes de Simmel, também já identificara a *indiferença* como um traço essencial do homem moderno. Hengels (1985, p. 53) observa:

Atropelam-se apressadamente como se não tivessem nada em comum, nada para fazer uns com os outros, e entre eles existe apenas o acordo tácito pelo qual cada um vai na parte do passeio à sua direita para que as duas correntes da multidão, que se precipitam em direções opostas, não lhe interrompam, por seu turno, o caminho; e, todavia, nenhum se digna a olhar para os outros. A brutal indiferença, o insensível isolamento de cada um no seu interesse pessoal ressalta de forma tanto mais repugnante e ofensiva quanto maior é o número destes indivíduos singulares que estão concentrados em um espaço restrito; e ainda que saibamos que este isolamento do indivíduo, este estreito egoísmo é em toda a parte o princípio fundamental da sociedade de hoje, em nenhum lugar, porém, ele se revela de forma tão aberta, tão consciente como aqui, na multidão da grande cidade.

3.1.2. ANONIMATO E ISOLAMENTO

O grande e rápido aumento do número de habitantes afeta os relacionamentos, diminuindo assim as possibilidades de as pessoas se conhecerem mutuamente. Apesar do encontro de muito mais gente, as relações são segmentárias, transitórias, impessoais e superficiais. O resultado disso tudo é o isolamento ou a síndrome da invisibilidade. Alguém por perto não significa, necessariamente, proximidade.

3.1.3. COMPETITIVIDADE

Segundo Wirth (1973, p. 95), “a vida em contato tão estreito e o trabalho comum, de indivíduos sem laços sentimentais ou emocionais, desolvem um espírito de concorrência e exploração mútua”.

3.1.4. DESPERSONALIZAÇÃO OU IMPESSOALIDADE

A variedade de tipos de personalidade é tão grande que gera uma estratificação social muito maior do que aquela encontrada em grupos menores e mais integrados, e favorece o que Wirth denomina “despersonalização”. Segundo Wirth (1973, p. 101), “nossos conhecidos têm a tendência de manter uma relação de utilidade para nós, no sentido de que o papel que cada um desempenha em nossa vida é encarado como um meio para alcançar determinados fins”. O desdobramento desse aspecto da vida urbana é a tendência de nivelar todos os seus habitantes. Em razão dessa intensa diversificação, os habitantes acabam por ser tratados como categorias e não como indivíduos. Assim, as pessoas são vistas como números e coisas⁵.

⁵ Um tema que merece espaço maior para ser abordado é o uso dos *chats* da internet. Trata-se de uma alternativa para a reconstrução de relações sociais diretas e personalizadas. No entanto, ao contrário do esperado, essa tentativa tem criado e incentivado, ainda mais, o isolamento e a solidão.

4. PROBLEMAS DO HOMEM URBANO

Não basta apenas conhecer as características do homem urbano. Se a Igreja pretende ter uma ação relevante nas áreas urbanas, faz-se necessário seu envolvimento com a comunidade e, assim, conhecer suas dificuldades.

A vida na cidade apresenta muitos e graves problemas, próprios do crescimento desordenado a que seus habitantes são submetidos. É preciso estar ciente da complexidade do tema. No entanto, apenas para ter parâmetros e exemplificar a atuação da igreja urbana, é preciso citar alguns desses problemas.

4.1. PROBLEMAS ECONÔMICOS E SOCIAIS

Com o êxodo rural inchando as cidades, provocando o baixo nível econômico de vida, o desemprego cresce e conseqüentemente as pessoas apelam para o emprego informal. A habitação digna não é suficiente para todos, ocasionando o aparecimento de moradias precárias, como as favelas⁶. Também temos visto crescer a violência urbana, como crimes contra a vida, o patrimônio, os costumes etc.

4.2. PROBLEMAS FAMILIARES

A desintegração da família tem aumentado com os meios de comunicação, que têm direta ou indiretamente incentivado não só a infidelidade conjugal, mas também desvios no relacionamento entre pais e filhos. Os meios de comunicação têm

⁶ Tomamos como exemplo a cidade de São Paulo, onde há muitas favelas, e as estimativas mais recentes indicam que há na cidade 2.018 favelas cadastradas, nas quais vivem aproximadamente 1.160.516 habitantes. Um outro exemplo é a Rocinha, a maior favela do Rio de Janeiro, contando com mais de 60 mil habitantes (MINISTÉRIO DAS CIDADES, 2004, p. 13).

fornecido dados que revelam o número sempre crescente de gravidez entre os adolescentes. Embora não tão recente, foi veiculada na revista *IstoÉ* (1994, p. 56) uma reportagem intitulada “Barriga de anjo”. Essa reportagem mostra alguns dados do IBGE em que:

[...] um milhão de meninas de 15 a 20 anos dão à luz no Brasil por ano. Elas são responsáveis por 20% do total de nascimentos. Enquanto mulheres entre 21 e 49 anos diminuem a cada ano sua contribuição no total de nascimentos, os casos de mães precoces triplicaram da década de 80 para cá.

4.3. PROBLEMAS PSICOLÓGICOS

Tantos problemas acarretam a instabilidade emocional. As pessoas se sentem inseguras, ficam ansiosas, e com isso aumenta a incidência da depressão.

4.4. PROBLEMAS RELIGIOSOS

A religião é um dos elementos centrais da sociedade. E como tudo em nossos dias está em mudança, não seria diferente com a religião. O campo religioso no Brasil tem sofrido constantes mudanças, e estas se apresentam sob três aspectos principais: a diminuição porcentual de católicos, um aumento dos chamados “sem religião” e o crescimento do neopentecostalismo⁷.

Temos assistido nessas últimas décadas ao surgimento do pluralismo religioso, tanto no que diz respeito à quantidade como também na variedade das formas (PIERUCCI; PRANDHI, 1996, p. 180-192). Há pessoas que pertencem a mais de uma religião ou transitam com facilidade de uma

⁷ Isso pode ser constatado pelo fato de nos últimos tempos ter aparecido uma grande quantidade produções científicas sobre o neopentecostalismo, em especial textos referente à Igreja Universal do Reino de Deus.

para outra, mesmo que essas religiões tenham características de diversas procedências⁸.

Becker (2002, p. 110) afirma a relação existente entre os problemas do homem moderno e esse “trânsito religioso”: “A busca pelo novo, pelo que demonstra poder, pela religião que responda às angustias pessoais (não importam quais sejam), fazem o ser humano transitar”.

5. AÇÃO DA IGREJA URBANA

Essa realidade urbana apresenta grandes desafios para a Igreja. Em que medida o evangelicalismo ou a teologia prática pode contribuir para melhorar a sociedade contemporânea? Qual o papel da Igreja numa sociedade diante dos desafios socioculturais que ela enfrenta?

Ernst Troeltsch (1931, p. 999-1000), sociólogo e historiador alemão, tratou dessa questão afirmando que os ideais e valores centrais do cristianismo “não podem, sem compromisso, ser realizados neste mundo”, e, portanto, a história do cristianismo “se torna a história de uma busca constantemente renovada desse compromisso, e uma nova oposição a esse espírito de compromisso”.

Semelhantemente, o teólogo José Comblin (1991, p. 19) afirma que “a Igreja é chamada a assumir a sociedade urbana, não por oportunismo religioso, mas por vocação [...] Seu papel consiste em criar o povo de Deus a partir da cidade”.

Se estamos pensando no agir da Igreja, faz-se necessária a utilização do conceito de “ação”. Sugerimos uma formulada por Comblin (1982, p. 54):

Chamamos ação o que muda o mundo, aquilo que faz o homem mudar-se a si mesmo, mudar os outros homens. A ação consiste em passar do pecado à justiça, em mudar uma situação

⁸ O dicionário de dados do Censo Demográfico, em 1980, apresentava nove alternativas para a questão sobre filiação religiosa, e, em 1991, esse número passou para 47 (ver MONTEIRO; ALMEIDA, 2000, p. 333).

de pecado em uma situação de justiça, em passar do mal para o bem [...] A ação é uma conversão [...] Agir é assumir uma parte da missão de libertação [...] A ação intervém na luta do Espírito contra o pecado, na luta da justiça contra a opressão, da libertação contra as forças da escravidão.

Tomando por base essa definição de ação, utilizamos a figura do reformador francês João Calvino (1509-1564) para servir de exemplo para essa ação transformadora da Igreja na cidade. Além de teólogo, Calvino trabalhou em benefício da cidade e liderou, no século XVI, a reconstrução de Genebra, produzindo mudanças profundas não apenas na vida religiosa, mas também nas estruturas políticas e sociais.

A sua contribuição em Genebra foi tão marcante que Graham (1971, p. 32) fez a seguinte afirmação:

Calvino, como o teólogo de maior influência para o contexto urbano de sua época, defende que todo empreendimento humano está marcado com o mal, contudo isso deve nos impulsionar ao propósito de fazer o evangelho relevante na cidade na qual vivemos e trabalhamos.

Na atuação de Calvino percebemos sua preocupação com a totalidade do ser humano. Sua ação era integral e não estava limitada apenas à pregação do Evangelho. Sobre o conceito do termo “integral”, temos uma excelente definição Padilla e Yamamori (2006, p. 6)⁹:

Falar de missão integral, portanto, é falar da missão orientada a reconstrução da pessoa em todo aspecto de sua vida, tanto no espiritual como no material, tanto no físico como no psíquico, tanto no pessoal como no social, tanto no privado como no público.

⁹ Carlos René Padilla, teólogo batista, nascido no Equador em 1932, participou de congressos e conferências internacionais e regionais, incluindo o Congresso Latino Americano de Evangelização em 1969 e, em 1974, do importante Congresso de Lausanne na Suíça, o qual iria revelar-se como um passo definitivo na afirmação da missão integral como a missão da igreja.

Em entrevista à revista *Cristianismo Hoje*, ao ser perguntado sobre como define o conceito de missão integral, Padilla (2008, p. 34) responde:

Ela pode ser definida sob várias perspectivas. Uma delas diz que o homem é um ser não só espiritual, mas também possui as instâncias psicológica e física. Então, a missão integral tem a ver com a totalidade da vida humana e leva muito a sério as necessidades de cada uma dessas áreas – ora, ninguém pode viver sem alimento ou sem abrigo, mesmo que conheça a Deus. Falar de missão integral é falar do ser humano em todos os aspectos de sua vida individual e em sociedade. Outra perspectiva seria a de que o Deus da Criação tem interesse e soberania sobre cada aspecto de sua obra. A missão integral nos motiva a alcançar o homem na plenitude de suas necessidades, sem separar religioso ou profano, sacro ou secular. E em cada um desses aspectos da vida, somos chamados a dar glórias a Deus.

Como podemos observar nessa entrevista de Padilla, a ação da Igreja na cidade não deve estar limitada apenas às questões “espirituais”. Embora seja essa sua missão principal, não é única. Wallace (2003, p. 31), citando João Calvino, nos revela sua convicção sobre a ação da Igreja na cidade: “O desafio e o poder do Evangelho deveria ser capaz de limpar, regenerar e dirigir não apenas o coração humano, mas cada aspecto da vida social na terra o os compromissos familiares, a educação, a economia e a política”.

Esse entendimento da “missão integral” está fundamentado no conceito da teologia bíblica da Criação, com base no qual não é possível dissociar a criação da salvação. Padilla e Yamamori (2006, p. 11) assim se expressam:

A criação não se contempla à parte da salvação, nem a salvação à parte da criação. Por isso, a teologia bíblica da criação é indispensável para uma correta compreensão tanto da religião como da ação da igreja. Jamais poderemos entender biblicamente a salvação e a missão se as desvincularmos da criação.

Significa dizer que o propósito da ação da Igreja na sociedade não é meramente a salvação da alma, senão a transfor-

mação da pessoa em suas relações interpessoais, em sua relação com a criação de Deus e em sua maneira de conceber-se a si mesma (PADILLA; YAMAMORI, 2006, p. 10).

Outro ponto importante a se destacar diz respeito à integralidade da ação da Igreja que leva em conta aquilo que as Escrituras Sagradas dizem a respeito da constituição do ser humano. Ele é uma unidade de corpo e alma inseparáveis entre si. Em razão disso, não se pode ajudar alguém dando atenção apenas a um desses aspectos. “A ação integral busca satisfazer o ser humano em suas necessidades básicas, incluindo sua necessidade de Deus (necessidade espiritual), mas também suas necessidades de abrigo, alimento, saúde física e dignidade humana” (PADILLA; YAMAMORI, 2006, p. 6).

6. MODELOS DE SER IGREJA NA CIDADE

Em sua obra *Cristo e cultura*, o teólogo Niebuhr (1967) apresenta cinco abordagens distintas sobre o relacionamento da fé cristã e a cultura. Vamos nos deter aqui apenas em três modelos de reação da Igreja à cultura urbana. Diferentemente do terceiro modelo, os dois primeiros não se relacionam com a sociedade de maneira integral.

6.1. MODELO ISOLACIONISTA

Esse jeito de ser Igreja é manifestado na rejeição de tudo aquilo que é considerado do “mundo”. Esse modelo foi intitulado por Niebuhr de “Cristo contra a cultura”. Refere-se a um estilo de vida que se afasta das pessoas que estão na cidade por não professarem a mesma fé, a mesma religião.

Um exemplo desse modelo pode ser visto na Confissão de Fé de Schleichtheim, produzida pelo movimento anabatista em 1527, conforme citado por Horton (1998, p. 41):

Concordamos na separação: Uma separação será feita do mal e da maldade que o diabo plantou no mundo; desta for-

ma, simplesmente não teremos comunhão com os ímpios nem correremos com eles na multidão de suas abominações. É assim que vemos: visto que todos que não andam na obediência da fé e não se uniram com Deus a fim de fazer a sua vontade, são uma grande abominação perante Deus, não é possível crescer ou prover deles nada a não ser abominações. Pois na verdade existem apenas duas classes: bem e mal, crentes e incrédulos, luz e trevas, os quês saíram do mundo e os que são do mundo, templo de Deus e ídolos, Cristo e Belial; nenhum tem parte com o outro...Deus ainda no admoesta a sair da babilônia e do Egito terreno para que não sejamos participantes da dor e do sofrimento que o Senhor trará sobre eles.

Essa postura é questionável. Entendemos que os cristãos devem ser espiritualmente distintos da cultura do mundo, porém não separados dela socialmente. Essa mentalidade de *ghetto* tem sido uma barreira à ação da Igreja na sociedade e à sua transformação. A Igreja não pode estar isolada da sua cidade, pois não há impacto sem contato.

O texto bíblico (Mt 5:14-16; I Pe 2:12) parece não dar apoio ao modelo isolacionista. Em João 17, aparece a oração proferida por Jesus, também conhecida de “oração sacerdotal”. Nela, há pelo menos 15 referências a “mundo”, indicando com isso o relacionamento dos cristãos com a sociedade não cristã. Jesus disse que seus discípulos “não eram do mundo” (v. 14), mas que não deveriam ser tirados do mundo (v. 15); afirmou também que seriam odiados pelo mundo (v. 14a), e, mesmo assim, eram enviados ao mundo (v. 18). Vemos aqui o tipo de relacionamento que deve a Igreja manter com a sociedade sem Deus – um relacionamento de envolvimento e não de afastamento, pois identificar-se com o mundo não significa ser idêntico a ele. E nas palavras de Joseph Aldrich (1992, p. 48), “a marca da verdadeira maturidade não é afastamento, mas penetração”.

Como disse Stott (1995, p. 293):

Este é o relacionamento multifacético da igreja com o mundo: viver nele, não pertencendo a ele, odiada por ele e enviada a ele [...] Se nós nos retirarmos do mundo, a missão se fará obvia-

mente impossível, já que perdemos contato com ele. Da mesma forma, se nos amoldarmos ao mundo, será impossível fazer missão, já que perdemos o nosso limite.

O cristão deve ser sal e luz dentro da cidade (Mt 5:13-16). Como cristãos, devem procurar conhecer os problemas da cidade, saber discutir sobre outros assuntos além da Bíblia, os quais são de interesse da comunidade. Notem o exemplo dado por Jesus. Mesmo andando entre “publicanos e pecadores”, ele não precisou viver como eles, mas viveu entre eles. De maneira semelhante, os cristãos não devem se alienar, e, como bem afirmou Biéler (1999, p. 11): “A vida religiosa e a vida material do crente estão ambas sujeitas à mesma ordem de Deus”.

6.2. MODELO IMERSIONISTA

Na outra ponta da extremidade do relacionamento entre a fé e a sociedade, temos o modelo imersionista, a que Niebuhr (1967, p. 109-124) dá o nome de “O Cristo da cultura”. Trata-se de uma imersão total na cultura urbana, esquecendo-se de que há uma diferença entre uma postura cristã e os males e pecados da sociedade sem Deus.

A passagem de Mateus (5:13-16), onde temos a metáfora do “sal da terra”, é usada por Jesus para ilustrar alguns princípios do relacionamento do cristão e a sociedade não cristã. O ensino por trás dessa metáfora é que a salinidade do cristão é a sua vida exemplar, seu caráter santo (Lc 14:34, 35; Cl 4:6). O cristão precisa ser semelhante a Jesus em sua atuação na sociedade, caso contrário, ele não será eficaz. Se os cristãos tornarem-se idênticos aos não cristãos, deixando-se influenciar e contaminar-se por eles, perderão a sua capacidade de promover mudanças significativas. “A influência dos cristãos na sociedade e sobre a sociedade depende da sua diferença e não da identidade” (STOTT, 1985, p. 51-52).

Stott (1985, p. 52) pontua que Lloyd-Jones, ao comentar a mesma metáfora, alerta sobre o perigo da imersão do cristão na sociedade:

A glória do Evangelho é que, quando a Igreja é absolutamente diferente do mundo, ela invariavelmente o atrai. É então que o mundo se sente inclinado a ouvir a sua mensagem, embora talvez no princípio a odeie. Caso contrário, se nós, os cristãos, formos indistinguíveis dos não-cristãos, seremos inúteis. Teremos de ser igualmente jogados fora, como o sal sem salinidade, “lançado fora” e “pisado pelos homens”.

6.3. MODELO DUPLA CIDADANIA

Para Niebuhr (1967, p. 223-224), essa reação é denominada “Cristo, o transformador da cultura”. O cristão é simultaneamente membro de duas cidades – da Jerusalém celestial e da Jerusalém terrena. Assim, ele não pode ver a cidade com desprezo, como também não deve se envolver com ela acriticamente.

Voltemos à passagem de Mateus (5:13-16), a qual é muito esclarecedora sobre essa dupla cidadania. Nela, Jesus ensina que o cristão deve estar no mundo (sem ser dele) para temperar e trazer luz. Fazendo assim, o cristão estará desempenhando uma dupla identidade.

Stott (1989, p. 45) fala sobre esse jeito de ser Igreja na cidade:

Precisamos resgatar aquilo que se poderia descrever como a “dupla identidade” da igreja. Por um lado ela é um povo “santo”, separado do mundo para pertencer a Deus. Por outro, porém, é composta de gente mundana, no sentido de que é enviada de volta ao mundo para testificar e servir.

O cristão pertence a dois mundos distintos. Da cidade dos homens ele não deve se isolar. Ao contrário, e como já vimos, ele deve se envolver a fim de exercer influência e transformar a cidade com o poder dos princípios da Cidade de Deus. Novamente, nosso maior exemplo é a pessoa de Jesus. Conforme Lucas (7:34), Ele foi acusado de ser “amigo de publicanos e pecadores”. Isso porque tocou em leprosos, perdoou prostitutas, aproximou-se dos excluídos etc.

7. POSSIBILIDADES PRÁTICAS DA DUPLA CIDADANIA

Sobre a ação da Igreja em direção à cidade, Linthicum (1990, p. 23-29)¹⁰ ensina que há três respostas distintas: a Igreja *na* cidade; a Igreja *para a* cidade e a Igreja *com a* cidade.

7.1. A IGREJA NA CIDADE

Aqui, a Igreja é vista não como “parte da” comunidade, mas “na” comunidade. Trata-se de uma instituição que não se envolve com os problemas da cidade. Não há empatia. Não há identificação. Nesse ponto de vista, a Igreja “ignora” a realidade urbana ao seu redor e seus esforços estão sempre voltados para atender às suas necessidades internas. Ela pensa nas sociedades seculares como antagonistas da Igreja Cristã e como além a possibilidade de redenção.

Essa abordagem, característica do espírito individualista da vida urbana, que atingiu também a Igreja, precisa ser corrigida. A Igreja não pode viver intramuros, voltada para si mesma, indiferente e insensível ao que acontece na sua vizinhança.

A Igreja deveria ter por vocação participar da vida da cidade não como espectadora, mas como protagonista. Deveria se envolver em ações concretas que revelem os valores do Reino de Deus. A Igreja precisa “buscar a paz da cidade” (Jer 29:7).

7.2. A IGREJA PARA A CIDADE

Nessa abordagem, a Igreja assume uma postura que se aproxima da ação integral. Ela busca conhecer a cidade e

¹⁰ Robert C. Linthicum atualmente é diretor de Ministério Urbano da Visão Mundial Internacional e presidente do Conselho de Coordenação Urbana da Igreja Presbiteriana (Estados Unidos). Tem sido um profícuo escritor na área das chamadas missões urbanas.

atua na solução de seus problemas. No entanto, Linthicum (1990) é da opinião de que essa abordagem, embora eficaz sob alguns aspectos, apresenta uma deficiência na medida em que, pelo fato de ela conhecer o Evangelho, acredita ser a única instituição portadora da solução para as crises da comunidade.

Cunha (2006, p. 10) intitula esse modelo de “Intervencionista” e chama a atenção para uma dificuldade que esse modelo apresenta: o paternalismo e o assistencialismo:

A igreja intervém na sociedade, nas cidades, naquilo que “merece” ser recuperado. Trata-se aqui da visão da busca do “bem-estar-social”, com o alívio do sofrimento de algumas pessoas, em especial os pobres. O que se avista nesse modelo é que a igreja ainda se preserva e se recusa a refletir e responder a questões sociais [...] nessa perspectiva intervencionista, as igrejas estão para as cidades naquilo que importa recuperar nelas [...] mas este modelo vai criar novos famintos, nus, presos, analfabetos, sem-escola, sem-moradias.

Cunha (2006, p. 10) contribui com uma análise muito mais aguda, porém verdadeira:

As intervenções estão sob o rótulo de “responsabilidade social”, cujo propósito primeiro é o chamado “marketing social”, ou a conquista de um maior número de consumidores por meio de “boas ações”, sem discutir ou interferir nas causas estruturais ou políticas que geram a necessidade dessas intervenções.

7.3. A IGREJA COM A CIDADE

Linthicum (1990, p. 24) afirma: “Existe uma profunda diferença entre ser uma igreja *em* ou *para* a vizinhança urbana e ser uma igreja *com* sua vizinhança”.

A Igreja que adota essa abordagem associa-se *com* a cidade em sua luta contra os problemas que a afligem. A Igreja acompanha, apoia e trabalha junto nessa luta. Ela se envolve não como a única que tem as respostas, mas como parceira

que também tem algo a oferecer. A Igreja se encarna dentro da cidade e se torna parceira da comunidade, buscando juntas soluções para suas dificuldades.

Uma igreja que adota essa abordagem abandona o dualismo sagrado-profano, igreja-mundo, e procura, com responsabilidade, ver a cidade como local da ação de Deus. O modelo *igreja com a cidade* parece ser o que melhor atende ao caráter da dupla cidadania.

Um dos grandes desafios para a Igreja nas cidades é desenvolver com integralidade sua dupla vocação. A título de aplicação, é possível apontar algumas sugestões para a relevância da Igreja e sua atuação no contexto urbano:

a) *A Igreja precisa ser um lugar de vida plena.* O ser humano moderno vive numa sociedade em crise, marcada pelo ódio, por desesperança, doenças físicas, espirituais, morais e sociais; onde vemos a promoção da morte, do egoísmo e da indiferença. Nesse sombrio contexto, a Igreja precisa ser um lugar de esperança e promoção da vida, do amor, da amizade, do suporte. A Igreja precisa ser um lugar que restaura e cura. A Igreja tem entre seus frequentadores e adeptos muitas pessoas bem preparadas e que conhecem bem a Escritura Sagrada. São pessoas que podem, mediante o aconselhamento, ajudar muitas outras que estão aflitas, desorientadas e exaustas. Isso porque a Bíblia tem muito a nos instruir a respeito da vida. Ela nos ensina o que é certo e o que é errado, o que é proveitoso, o que é sábio e o que é estultice. A Bíblia nos ensina como ter alegria e paz, paciência, bondade, amabilidade, perseverança e dignidade (2 Pe 1:5-7; Gl 5:22,23). Na verdade, a Escritura Sagrada nos traz diversos princípios que nos ensinam o que necessitamos saber para que tenhamos uma vida plena e bem-sucedida (2 Pe 1:8,9; 1 Tm 4:7; Jo 10:10).

b) *A Igreja precisa ser um lugar onde as pessoas são transformadas.* É extremamente necessário reafirmar perante as pessoas da cidade como elas estão aquém dos padrões de Deus. É preciso mostrar como elas se tornaram culpadas e que boa parte de seus problemas está relacionada ao fato de elas quererem viver à sua própria maneira, ignorando assim os princípios bíblicos.

Portanto, elas precisam se arrepender e voltar para Deus (Rm 5:8 ; 3:23 ; I Tm 1:15).

c) *A Igreja precisa fazer parcerias com a cidade.* Nem todos na cidade professam a mesma religião ou a mesma fé. Não obstante, há profissionais, lideranças e instituições que podem contribuir e muito para a solução dos problemas urbanos. Há médicos, professores, escolas, empresários etc. A Igreja precisa articular com outros grupos locais, interagir com outros segmentos da comunidade que, assim como a Igreja, também estão preocupados com os problemas da cidade.

d) *A Igreja precisa compartilhar suas estruturas físicas.* Um número significativo de igrejas possui templos bem estruturados e equipados, com excelentes recursos. Mas que ficam fechadas durante toda a semana e com programações que objetivam atender apenas os seus membros. Para vencer esse isolacionismo, esse espaço físico poderia ser aberto para a comunidade oferecendo cursos profissionalizantes, tais como reforço escolar, palestras sobre alcoolismo e drogas, analfabetismo, e tantos outros problemas que afetam as pessoas da nossa cidade. Um bom exemplo disso seria a Igreja fazer uma parceria com uma escola de idiomas do seu bairro. Enquanto a igreja empresta o espaço físico para as salas de aulas, a escola forneceria o material didático e professores. Tudo isso a preços menores, para facilitar o ingresso da população desfavorecida financeiramente.

e) *A Igreja precisa colocar seus talentos humanos à disposição da comunidade.* As igrejas evangélicas têm muitos recursos humanos. Se há psicólogos na Igreja, eles poderiam ajudar no desenvolvimento de um programa para auxílio de pessoas com doenças psicoemocionais. Professores podem dar aulas de reforço escolar. Se a Igreja possui em seu rol de membros médicos, dentistas, advogados, estes poderiam ser voluntários em algumas horas por mês e dar assistência à comunidade.

Essas são apenas umas poucas sugestões de como a Igreja pode agir na cidade não como espectadora dos acontecimentos, mas como protagonista de uma história que ainda está sendo escrita.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito maior desta reflexão, sobre a ação integral da Igreja nas cidades, foi tornar evidente que é possível uma prática religiosa que supere a mentalidade individualista e alienada da religião, capaz de exercer um papel transformador na cidade. Além dos modelos sugeridos para essa ação, algumas pistas práticas foram oferecidas para ilustrar que é possível para a Igreja apresentar-se com essas duas faces distintas, mas não excludentes.

O texto bíblico é muito claro. A fé é prática e desalienante (Ti 2:14-17). Ela não é exercida apenas no mundo das ideias abstratas, mas como resposta que identifica minha dupla cidadania. Termino com uma citação de Stott (2003 p. 91) que, ao comentar o Pacto de Lausanne, mostra como é possível que a Igreja possa estar voltada para a devoção a Deus e seus fiéis e, ao mesmo tempo, para a restauração da sociedade.

Aqui também nos arrependemos de nossa negligência e de termos algumas vezes considerado a evangelização e a atividade social mutuamente exclusivas. Embora a reconciliação com o homem não seja reconciliação com Deus, nem a ação social evangelização, nem a libertação política salvação, afirmamos que a evangelização e o envolvimento sócio-político são ambos parte do nosso dever cristão. Pois ambos são necessárias expressões de nossas doutrinas acerca de Deus e do homem, de nosso amor por nosso próximo e de nossa obediência a Jesus Cristo. A mensagem da salvação implica também uma mensagem de juízo sobre toda forma de alienação, de opressão e de discriminação, e não devemos ter medo de denunciar o mal e a injustiça onde quer que existam. Quando as pessoas recebem Cristo, nascem de novo em seu reino e devem procurar não só evidenciar mas também divulgar a retidão do reino em meio a um mundo injusto. A salvação que alegamos possuir deve estar nos transformando na totalidade de nossas responsabilidades pessoais e sociais. A fé sem obras é morta.

REFERÊNCIAS

- ALDRICH, J. C. *Amizade, a chave para a evangelização*. São Paulo: Vida Nova, 1992.
- ARANA, P. Bases bíblicas da missão integral. In: STEUERNAGEL, V. R. *A serviço do Reino*. Belo Horizonte: Missão, 1992.
- BARROS, J. C. Cidade e população: reflexos sobre uma relação complexa. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 12, n. 1, p. 163-174, 2007.
- BECKER, J. R. *Trânsito religioso: uma leitura crítica a partir da teologia prática – Desafios e perspectivas*. 2002. 165 p. Dissertação (Mestrado)–Universidade Metodista, São Bernardo do Campo, 2002.
- BIÉLER, A. *A força oculta dos protestantes*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.
- CASTELLLS, M. *A questão urbana*. São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- CHINOY, E. *Sociedade: uma introdução à sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1984 (USP).
- COMBLIM, J. *O tempo da ação*. Ensaio sobre o Espírito e a história. Petrópolis: Vozes, 1982.
- _____. *Teologia da cidade*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- _____. *Pastoral urbana*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CUNHA, M. do N. Um olhar sobre a presença das igrejas evangélicas no Brasil: análise crítica e possibilidades futuras. In: CUNHA, M. do N.; CASTRO, C. P.; LOPES, N. (Org.). *Pastoral urbana: presença pública das igrejas em áreas urbanas*. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, Editeo, IEPG, 2006. v. 1.
- ENGELS, F. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global, 1985.
- GRAHAM, W. F. *The constructive revolutionary John Calvin and his socio-economic impact*. Atlanta: John Knox Press, 1971.

- HOFFMAN, Arzemiro. *A cidade na missão de Deus*. Curitiba: Encontro, 2007.
- HORTON, M. S. *O cristão e a cultura – nem separatismo, nem mundanismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.
- LINS, R. L. *A indiferença pós-moderna*. Rio de Janeiro: Editora URFJ, 2006.
- LINTHICUM, R. C. *A transformação da cidade*. Belo Horizonte: Missão, 1990.
- _____. *Revitalizando a Igreja – Como desenvolver sua igreja para um ministério urbano efetivo*. Rio de Janeiro: Horizontal, 1996.
- MICHAEL, S. *O cristão e a cultura*. São Paulo: Cultura Cristã, 1988.
- MINISTÉRIO DAS CIDADES. Política Nacional de Habitação. *Cadernos do MCidades Habitação*, Brasília, v. 4, p. 13, 2004.
- MONTEIRO, P.; ALMEIDA, R. R. M. O campo religioso brasileiro no limiar do século: problemas e perspectivas. In: RATTNER, H. (Org.). *Brasil no limiar do século XXI*. São Paulo: Edusp, 2000.
- MORAIS, R. *Que é violência urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MORRIS, R. N. *Sociologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.
- NIEBUHR, H. R. *Cristo e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- PADILLA, C. R. O Evangelho do próximo. *Cristianismo Hoje*. Disponível em: <<http://www.cristianismohoje.com.br/artigo.php?artigoId=33588>>. Acesso em: 12 nov. 2008.
- PADILLA, C. R.; YAMAMORI, T. *El proyecto de Dios y las necesidades humanas – Más modelos de ministerio integral en América Latina*. Flórida: Kairos, 2006.
- PALEN, J. J. *O mundo urbano*. Rio de Janeiro: Forense Universitária Ltda., 1975.

PIERUCCI, A.; PRANDHI, R. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do Espírito. In: VELHO, O. G. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

STARTK, R. *O crescimento do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1996.

STTOT, J. *A mensagem do Sermão do Monte*. São Paulo: ABU, 1985.

_____. *O cristão numa sociedade não cristã*. Niterói: Vinde, 1989.

_____. *Ouçá o Espírito, ouçá o mundo*. São Paulo: ABU, 1995.

_____. *Pacto de Lausanne*. Comentado por John Sttot. (Série Lausanne). São Paulo: ABU, 2003.

TROELTSCH, E. *The social teaching of the christian churches*. New York: Macmillan, 1931. v. II.

VITORIA, G. Barriga de anjo. *Revista IstoÉ*, São Paulo, n. 1303, p. 56, set. 1994.

WALLACE, R. *Calvino, Genebra e a Reforma*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

WIRTH, L. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, O. G. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.